

A UFV entrega mais uma turma de novos técnicos ao Brasil



Os formandos, a nível de graduação, e seus homenageados.

Em solenidade que será realizada no próximo dia 15, a Universidade Federal de Viçosa diplomará mais uma turma de técnicos a níveis de graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado).

As festividades de formatura iniciam às 8h, na Igreja de Santa Rita de Cássia, com Missa em Ação de Graças; às 9h30m, na Igreja Presbiteriana, haverá Culto em Ação de Graças; às 11h, Aula da Saudade, pelo professor Emílio Gomide Loures; às 15h, Plantio da Árvore da Turma; às 19h30m, no Ginásio de Esportes, Sessão Solene; e, às 22h, Coquetel que será oferecido aos familiares e convidados dos formandos.

O paraninfo dos formandos será o professor José Ferreira de Paula, patronos o reitor Antônio Fagundes de Sousa e o professor José Brandão Fonseca, ficando

as outras homenagens para o vice-reitor Paulo Mário del Giudice (Homenagem Especial), engenheiro George Tamm de Hollanda Lima (Homenagem Administrativa), srs. Onofre de Castro, Fernando Luiz Ferreira, Roberto Teixeira e Maria de Lourdes Maffia Campos (Preito de Amizade). As Homenagens Póstumas serão prestadas aos professores Sylvio Starling Brandão, Maurício Wagner Cordeiro de Azevedo, David Oliveira Scofield e aos estudantes Luiz Salvador Villalobos, José Figueiredo de Mesquita e Murilo Ribas Monteiro. O orador da turma será o formando Ivo Aparecida de Mendonça e representante dos pais, na solenidade, o sr. Diomar Vilela de Souza.

Como nos anos anteriores, o Baile de Gala será no Ginásio de Esportes, dia 16, com início previsto para as 22h.

O desenvolvimento da microrregião de Viçosa foi o tema desta reunião



O reitor Antônio Fagundes de Sousa presidiu o encontro.

Com o objetivo de discutir o equacionamento das atividades de integração sócio-econômica de toda a região em que está envolvendo 14 municípios, a Universidade Federal de Viçosa reuniu, quinta-feira passada, em Viçosa, os secretários José Fernandes, da Educação; Dario Tavares, da Saúde; e membros da diretoria do DER para apresentá-lhes, em conjunto com prefeitos de municípios, os estudos da infra-estrutura das cidades que compõem a microrregião de Viçosa.

Falando, na ocasião, o secretário José Fernandes elogiou a iniciativa da Universidade Federal de Viçosa que prontificou-se a ajudar a todos os municípios da microrregião de Viçosa, na solução de seus problemas educacionais. Disse ainda o secretário que "se todas as universidades brasileiras participassem mais assiduamente do desenvolvimento das regiões que as envolvem, muitos problemas, hoje, estariam resolvidos".

Por outro lado, o secretário Dario Tavares prontificou-se a integrar a sua pasta na grande arrancada de desenvolvimento de toda a microrregião de Viçosa, salientando, contudo, que algumas das reivindicações não estavam ligadas, diretamente, à Secretaria da Saúde.

Presidiu o encontro o reitor Antônio Fagundes de Sousa, que salientou a preocupação da Universidade Federal de Viçosa em acelerar o processo de desenvolvimento de toda a região, uma vez que ele entende que a Universidade, como força propulsora da cultura, tem amplas responsabilidades, principalmente, com as regiões que a circunda.

Participaram do encontro com os secretários José Fernandes e Dario Tavares, os senhores César Santana Filho, prefeito de Viçosa; Antônio Moreira de Queiroz, prefeito de Teixeira; João Carvalho, prefeito de Paula Cândido; Waldir Lopes Batalha, prefeito de Coimbra; Modesto Lopes de Faria Reis, prefeito de São Miguel do Anta; Ciro Santana Maia, prefeito de Porto Firme; Raimundo Máximo da Silva, prefeito de Divinésia; João Fialho, prefeito de Pedra do Anta; Pedro Dias Lopes, prefeito de Canaã; José Ribas Primo, prefeito de Araponga; Realino de Almeida, prefeito de Presidente Bernardes; João Anastácio dos Santos, prefeito de São Geraldo; José Dias Santana, prefeito de Ervália; Maron Antônio Khouri, prefeito de Cajuri. Presentes os deputados Narcélio Mendes, Ciro Maciel e Fábio Vasconcelos.



UFV

INFORMA

EDITADO PELA IMPRENSA UNIVERSITÁRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
VIÇOSA - MINAS GERAIS - BRASIL

Ano 9

Quinta-feira, 8 de dezembro de 1977

N.º 507

42.^a Reunião Anual da Associação dos Ex-Alunos da Universidade

A Associação de Ex-Alunos da Universidade Federal de Viçosa promoverá, nos dias 15 e 16 próximos, a sua 42.^a Reunião Anual, que, entre outros objetivos, proporcionará a todos que aqui estudaram a oportunidade de rever a UFV, presenciar seu desenvolvimento e confraterni-

zar-se com seus colegas de turma. O professor Francisco Machado, um dos organizadores do encontro, avisa que os telefones para reservas de alojamentos, no Centro de Ensino de Extensão, são estes: (031) — 891-1523, 891-1448 e 891-1602.

Professora da Universidade Católica de M

Durante a realização do 2.º Encontro Nacional de Diretores de Gráficas Universitárias (2.º EN-GRAF), foi oferecido um ciclo de palestras, do qual participaram destacados conferencistas de Minas Gerais, do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Hoje, estamos publicando, na íntegra, a palestra proferida pela professora de Introdução às Técnicas de Editoração, da Faculdade de Comunicação da Universidade Católica de Minas Gerais, Anna Lúcia C. Baptista.

Eis a palestra: -Por que escolhi falar sobre editoração num encontro onde todos esperam conhecer as mais recentes conquistas tecnológicas no campo das artes gráficas?

Em primeiro lugar, porque não tenho a pretensão de ter conhecimentos suficientes para competir com os de tantos técnicos aqui reunidos. Nesta área de tecnologia gráfica, em que a cada dia surgem novas conquistas, muito ainda tenho que aprender.

E em segundo lugar, porque me parece que num encontro de tal importância, é necessário lembrar que todas as conquistas tecnológicas no campo das artes gráficas serão sempre prejudicadas, travadas, muitas vezes, pela falta de preparo do editor, dos técnicos editoriais, pela ausência de uma conscientização de todos nós de que existe um complexo gráfico-editorial. De que para o bom êxito de qualquer projeto gráfico-editorial, é imprescindível a colaboração de um editor ou de toda uma equipe editorial.

Amaral Vieira, ex-diretor da Editora da Fundação Getúlio Vargas, lembra muito bem que -A produção editorial... não deve ser encarada como processo autônomo, senão dentro do complexo gráfico-editorial, nele compreendidas todas as fases da produção de um livro ou revista, desde a criação puramente intelectual do texto à sua entrega ao mercado como produto final- 1

Acredito que em todos nós aqui, como de resto em todos os industriais do livro no Brasil, existe uma preocupação básica: a redução do custo e do preço final do produto livro. Ainda neste ponto, minha vivência editorial me leva a concordar com Amaral Vieira quando diz -que o ponto de partida para o barateamento do livro é a racionalização de todo o processo produtivo. Não é suficiente atingir níveis ótimos de custo na produção gráfica se os da elaboração editorial ou da comercialização conservarem-se altos, ou vice-versa. Vou mais longe: tenho visto um original mal trabalhado no setor editorial provocar e elevar a níveis altíssimos o custo gráfico.

Vemos, pois, o processo de edição de um livro como um projeto global, exigindo unicidade, entrosamento de trabalho, trabalho de equipe. Se podemos separar o processo editorial em 3 fases básicas, quase distintas (editoração, produção e comercialização), não podemos deixar de vê-las sempre como partes de um todo, etapas de um objetivo único a atingir e que exige dos seus responsáveis conhecimentos específicos e visão global, a perfeita compreensão de que cada parte trabalha para um todo, a lembrança constante de que, se existem fases distintas, elas se sobrepõem, mas se interpenetram. Tendo sempre em vista o pro-

cesso de edição em sua globalidade, devemos anular a nossa tendência a enfatizar particularmente uma ou outra fase do processo, mantendo desde o início de qualquer planejamento a visão final do produto: livro, revista, folheto e até mesmo a apostila. -Em outras palavras, a seleção e análise dos originais, e a partir daí o projeto editorial, devem levar em conta, ao lado de outros fatores, o objeto da publicação, o público a que se destina, o conteúdo da informação etc. - 1

Parece-nos importante a fixação de uma política ou doutrina editorial, a nível de governo, a nível empresarial, a nível de todos aqueles que estão ou deveriam estar envolvidos ou preocupados com uma política do livro para o Brasil. Uma política que se preocupe com o aperfeiçoamento industrial do produto, com a ampliação do mercado para o livro, com novos métodos de fazer chegar o livro a seu mercado certo. Com financiamento para gráficas, editoras e livrarias. Com a criação e desenvolvimento de profissionais do livro.

A constatação da necessidade de fixação de uma política do livro, no Brasil, leva-nos a pensar na importância do material de leitura nos países em desenvolvimento.

E a importância da reflexão e da ação pelo estabelecimento desta política nos parece ainda maior quando nos lembramos das palavras de Ronald Barker e Robert Escarpit, especialistas da UNESCO, em seu livro -A Fome de Ler-: -Dois terços dos homens, mulheres e crianças do mundo estão hoje prejudicados em seus esforços por uma vida melhor e mais rica por falta de um dos instrumentos essenciais do progresso: livros e material de leitura. Os esforços para aprender, para compreender melhor as conquistas da ciência e da técnica e para avaliar as contribuições da cultura dependem, em grande parte, da existência de material impresso- 2

Nos países em desenvolvimento, a produção é deficiente; a distribuição inadequada; a importação cara. Todos estes fatores, mais o alto custo do livro, a falta de programas específicos para criação e desenvolvimento do hábito de leitura, a morosidade dos programas para criação, manutenção e atualização de bibliotecas, se aliam para privar nosso povo, nosso estudante, do material de leitura de que necessitam para seu crescimento cultural.

É preciso não esquecer que -metade das pessoas que sabem ler vive em regiões que produzem apenas 1/5 do material de leitura do mundo, com todas as consequências resultantes desse fato no que se refere à escolha do conteúdo dos livros-. Somos ainda, até hoje, apenas uma colônia cultural dos países desenvolvidos.

Somos um país em desenvolvimento, com fome de livros, de ma-

terial de leitura, de pesquisas e resultados de pesquisas. E no Brasil, no que se refere ao livro, praticamente tudo está para ser estudado, planejado, realizado. As deficiências vão desde a preparação do original pelo autor, crescem nos planejamentos editoriais (ou na ausência deles), são acelerados pela falta de conhecimentos técnicos de produção por parte de editores e gráficos, atingem seu ponto crítico na distribuição, na promoção do livro.

E uma honra e uma responsabilidade muito grande estar aqui falando para os senhores. E não digo isto de maneira convencional. Sintoo, realmente, que deveria estar apenas ouvindo e aprendendo o muito que os senhores têm para ensinar.

Ocupo aqui este lugar forçada pelo dever de ser coerente. Há muitos anos venho lutando por um lugar para a Editoração dentro da Universidade. Venho tentando provar que muitas verbas poderiam ser melhor aproveitadas dentro da Imprensa Universitária, se aos esforços dos responsáveis pelas oficinas gráficas se somassem os de um editor ou de técnicos em editoração, que funcionassem como elo entre o autor e a produção gráfica. Que pudessem trabalhar um original, analisar objetivos, mercados e custos. Que estudassem, planejassem e providenciassem a execução da distribuição ou comercialização do produto acabado.

Se encarmos a Universidade, a Escola, como um laboratório do presente e um projeto do futuro; se constatamos a importância do livro para nosso desenvolvimento; se é gritante o empirismo que assola nossas editoras; não me parece certo deixar a Editoração fora da Universidade. Que ela funcione como um elemento vivo dentro do campus universitário, como fator de criação de incentivos, de orientação para seu corpo docente. Que não esteja presente apenas como uma disciplina de um semestre numa Faculdade de Comunicação, mas como oficina viva em que se forje esta nova consciência editorial de que nosso país tanto precisa.

INDÚSTRIA EDITORIAL: SITUAÇÃO E PROBLEMAS

Em -Quem é Quem na Economia Brasileira-, publicado pela Visão em agosto último vamos encontrar uma análise ligeira da situação da indústria editorial e gráfica no Brasil.

O quadro não parece muito animador, já que no primeiro parágrafo o autor do estudo afirma que -As editoras de livros vão mal, como sempre, e as de jornais e revistas não tão bem como seria de esperar em vista dos ambiciosos projetos de ampliação e/ou modernização em que algumas das maiores se empenharam recentemente-. Ainda bem que ele explica que isto -é o que se pode inferir da soma de opiniões e informações esparsas sobre esses dois ramos do mercado editorial, já que dados estatísticos atualizados são escassos ou inexistentes-.

Isto me faz lembrar um fato com uma editora amiga que contratou um economista para fazer uma análise da empresa. Ao final de algumas semanas de um trabalho insano para reunir os dados necessários para a análise ele concluiu que a editora estava falida há algum tempo. E intrigado perguntou a minha amiga: -Como é que vocês podem continuar editando nesta situação? A decretação da falência é coisa de mais algumas semanas-. Ela respondeu, muito calma, procurando tranquilizar o moço: -Não se assuste não, filho. Até agora, temos editado com fé. Não vai ter falência não. Vamos continuar editando com fé-.

Realmente, acho que só a fé pode justificar a existência de algumas, ou de muitas editoras entre nós. Estudamos alguns livros estrangeiros sobre editoração. Visitamos algumas das grandes ou médias editoras americanas e depois

salimos por aí, para conhecer pequenas e médias empresas brasileiras. Vivemos uma, duas editoras nacionais. Está tudo errado. E até fascinante, como me disse há algumas semanas uma das maiores agentes literárias da Europa: -Lá está tudo pronto. Não há quase nada para se fazer. Aqui, não. Está tudo para ser feito. E estimulante-.

Se é tão estimulante, não sei. Sei que ser editora no Brasil, posuir ou trabalhar com um mínimo de empirismo numa empresa editorial (salvo as sempre presentes -honorosas exceções-) é um desafio constante.

Voltando ao -Quem é Quem-: -As queixas dos editores de livros não mudaram muito nos últimos anos: faltam linhas de crédito especializadas e compatíveis com as peculiaridades do ciclo de produção e comercialização do livro; o mercado consumidor se amplia lentamente devido ao baixo poder aquisitivo e ao baixo nível de instrução média dos brasileiros; a debilidade da demanda obriga a reduzir as tiragens das edições, elevando seu custo unitário, o que, por sua vez, contribui para afastar consumidores em potencial- 3

E se formos pensar na situação da José Olympio e da Nacional, todas as duas sob intervenção do BNDE, as coisas realmente nos parecerão bem trágicas.

Se a situação é tão trágica, porém, por que três grandes editoras estrangeiras demonstraram seu interesse em comprar a Nacional e o negócio só não se concretizou por temor do próprio BNDE de entregar à desnacionalização a maior produtora nacional de livros didáticos?

-O interesse de grupos multinacionais em investirem no setor editorial brasileiro não se limita a esse caso. Embora, hoje, sua presença se restrinja essencialmente aos livros técnicos para o ensino universitário, onde controlam, segundo algumas estimativas, 70% do mercado, os editores brasileiros temem a possibilidade de vir a enfrentar essa nova concorrência em outros campos- 3

-O fato é que as possibilidades comerciais do livro no país dão margem a apreciações bastante contraditórias-. ...o total de livros produzidos anualmente no Brasil duplicou de 1969 para 1974... -E, enquanto casas editoras tradicionais como as duas citadas passam por períodos de maior ou menor dificuldade, muitas outras são criadas e algumas parecem alcançar sucesso comercial- 3

-Um fato novo e ainda não inteiramente assimilado pelos empresários do setor é, naturalmente, o grande crescimento da população brasileira de nível universitário nos últimos anos. A isso se deve, em boa parte, a duplicação do volume da produção de livros no intervalo de cinco anos- 3

Sobre a situação e os problemas que enfrentam nossa indústria editorial, peço licença para reportar-me a alguns trechos de uma conferência realizada por Enio Matheus Guazzelli, coordenador, pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), da campanha por uma Política Integrada do Livro.

O tema das multinacionais já é abordado dentro dos próprios objetivos da Política, que entre outros, busca o -fortalecimento das empresas nacionais privadas, editoras e livrarias, contra a desnacionalização e a estatização- 4

Mais adiante menciona o fato de que a grande maioria dos livros de Medicina, utilizados por estudantes brasileiros, são publicados por editoras estrangeiras e enfatiza o domínio das multinacionais nos campos da tecnologia, nas ciências humanas e sociais e chama a atenção para o fato de que -a invasão de empresas estrangeiras na indústria editorial de livros - único campo da comunicação que nossos legisladores não se interessaram em proteger - é muito mais que uma amea-

ça, é uma perigosa realidade. Sem contar um regular número de empresas aqui radicadas há muito tempo, tivemos, nos últimos anos, a entrada de quatro poderosas multinacionais, enquanto outras duas preparam seus primeiros títulos- 4

Um dos grandes problemas com que se depara o editor brasileiro é o do capital de giro, o de financiamento para suas edições. Uma política a que muitas editoras têm recorrido para minorar este problema é a das co-edições com órgãos do governo como o INL e com algumas universidades.

O parágrafo único do Art. 47 do estudo para a -Política Integrada do Livro- estabelece que -só poderão habilitar-se a co-edições com os poderes públicos as empresas privadas nacionais- 4 alegando que o mínimo que se poderia exigir das multinacionais é que disponham de capital próprio. E continua: -Na realidade, é o fato de poderem dispor de todo o capital necessário que torna desigual a concorrência com as editoras brasileiras- 4

E faz uma reclamação que nos afeta de perto: a de uma grande editora universitária que, em seus programas de co-edição, tem dado primazia a uma editora estrangeira. Muito mais é dito nesta conferência do Sr. Enio Matheus Guazzelli especificamente sobre todos os prejuízos que as multinacionais estão trazendo e podem trazer à indústria editorial brasileira. Mas como são muitos os problemas que enfrentam as editoras nacionais, vamos passar a um outro, aproveitando ainda o estudo da Comissão do SNEL e da CBL: o econômico.

Valendo-se de um estudo feito por Cláudio Tocantins, com a colaboração de Carlos Geraldo Langoni, o trabalho enumera alguns itens:

- a quase absoluta inexistência de crédito a médio e longo prazo para as empresas responsáveis pela edição e comercialização de livros (o caso das livrarias é ainda mais grave por não disporem de títulos descontáveis);
- o longo ciclo de produção e comercialização do livro, estendendo-se, a grosso modo, por períodos de 1 a 3 anos, reclama investimentos em capital de giro, em muito maior proporção do que os normalmente exigidos por outras indústrias;
- a dimensão do problema ganha ainda maior realce quando se verifica que os mais valiosos recursos da indústria do livro, seu capital humano e seu fundo editorial, não se prestam ou não são aceitos como garantia colateral à concessão de empréstimos- 4

Os principais pontos de estrangulamento econômico estão aí realmente bem expostos.

Estoques (não -encalhes-), fundo editorial, tradição, programações cuidadosamente planejadas, previsões de venda feitas com base na realidade, nada disso é considerado garantia para empréstimos bancários, principalmente para pequenas e médias empresas.

É desagradável estar a enumerar problemas, e problemas que assolam as editoras no Brasil. Assim, para terminar esta longa exposição dos mesmos, vamos tratar apenas ligeiramente de mais dois: distribuição e empirismo.

A distribuição de livros no Brasil é, a meu ver, muito mal tratada, independente do tamanho da editora. Grandes, médias ou pequenas são poucas e raras as editoras que conseguem formar uma rede de distribuição satisfatória. Existem bons distribuidores nos principais mercados do país, mas são poucos e representam, geralmente, várias editoras, o que significa um grande número de títulos novos por mês, a serem não apenas vendidos às livrarias, mas trabalhados junto ao público interessado.

Em contato com um dos maiores e melhores distribuidores de Belo Horizonte, por exemplo, ele nos informou que trabalha, em contato firme, com 24 editoras, recebendo

Minas Gerais fala durante o 2.º ENGRAF

por mês uma média de 10 títulos novos (sem contar as reedições). Tem observado a retração de compras das livrarias, que cada vez, em maior número, exigem consignação dos livros. Tem despesas com divulgador motorizado, vendedor visitante para o interior, secretária para o serviço de divulgação.

Aumentam, segundo minha própria constatação, a venda direta das editoras às escolas, com o mesmo desconto dado aos livreiros; a vendedores não estabelecidos que vão trabalhar diretamente dentro das escolas e universidades, diminuindo cada vez mais as chances de sobrevivência do comércio livreiro estabelecido.

Coptamos, atualmente, com cerca de 300 livrarias em todo o Brasil, sendo que cerca de outras 300 foi fechada nos últimos 10 anos. Apenas para termos de comparação (se esta comparação é possível), em Madri existe cerca de 500, em Paris cerca de 2.000 e em Buenos Aires também 2.000.

A venda em bancas, supermercados ou outros canais, apontada há algum tempo como a grande solução para os problemas da distribuição, principalmente no interior do Brasil, tem mostrado não ser assim tão salvadora como parecia. Em primeiro lugar, por exigir uma estrutura bastante diferente da estrutura normal de distribuição. Depois, pela própria questão de espaço. Não há banca que possa expor os jornais e revistas que já vende regularmente, quanto mais a produção - apenas - da literatura editada normalmente no Brasil. E as bancas não compram, recebem em consignação.

Assim, chegamos à conclusão de que só as livrarias poderiam ter condições para adquirir - regularmente, e em conta firme, alguns exemplares da grande maioria dos novos lançamentos sobre todos os assuntos. Um maior número de livrarias representaria uma garantia para a edição de qualquer livro, pela aquisição de 1.000 a 2.000 exemplares de tiragem inicial-4

Concluímos sobre a importância das livrarias com Escarpit: -a despeito da validade da dinamização de novos canais de vendas de livros, supermercados, bancas, clubes de livros, mala-direta e outros, a livraria tradicional continua sendo, na opinião das maiores autoridades internacionais, o pilar da indústria editorial-2

O último dos problemas da indústria editorial a ser abordado - o empirismo - é aquele que mais diretamente nos toca e o que talvez mais tenha a ver com todos os outros, pelo menos com aqueles inerentes à própria organização da empresa editorial.

Em 1971 foi realizada no Rio de Janeiro uma pesquisa, em convênio com o MEC, o BNDE e a FGV, sobre a indústria do livro no Brasil. Segundo esta pesquisa, existia na época cerca de 80 mil pessoas empregadas nos serviços gráficos, sendo que 16 mil se concentravam nas empresas editoriais. No campo mais restrito da editoração, estimava-se a presença de 2.500 pessoas, das quais apenas 16,5% haviam adquirido preparo especial em escolas. Preparo este de cuja eficiência tenho razões para duvidar. Como me dizia um pouco um editor de S. Paulo que tem tentando aproveitar em sua própria universitários formados em comunicação: -Eles não sabem o que é um fotolito, desconhecem os processos de impressão, muitos não conseguem entrar em uma gráfica-.

De muitos outros, buscando estímulos remunerados e/ou empregos para alunos meus, já ouvi a afirmação de que, para as tarefas de revisão, preferem alunos do curso de Letras e para as demais, na impossibilidade de contratar um profissional já com experiência e caro, preferem treinar seu próprio pessoal, ainda que não tenham curso nem diploma. Excetuam-se, é claro, o editor, que muitas vezes é o próprio dono e que também aprendeu fazendo, consultores ou editores de provas, quando existem, gersal-

mente com especialização em outras áreas do conhecimento humano.

Volto ao que disse no princípio dessa nossa palestra: o empirismo, a falta de conhecimento e treinamento para funções específicas dentro de um quadro editorial, podem provocar graves prejuízos ao editor e contribuir em alto grau para o aumento do custo do livro.

EDITORIAÇÃO: CONCEITOS E ESTRUTURA

Para entrar no assunto principal dessa nossa palestra - editoração - vamos procurar uma definição para o termo.

Tenho encontrado dezenas de definições para -Editoração-, mas me parece que a de Antonio Houaiss é a que mais se aproxima dessa visão de conjunto que, a meu ver, o editor deve ter.

Segundo ele, -Editoração é a atividade organizada em forma de empresa para publicação de livros. A editoração compreende setores específicos de unidades de trabalho, dos quais citam-se alguns: (a) direção; (b) seleção de originais; (c) adequação dos originais para a correlação original-tipográfica; (d) revisão; (e) publicidade e relações públicas; (f) distribuição e difusão (depósito, consignação, vendas em grosso, vendas a varejo; exemplares à crítica especializada, ou genérica, ou noticiante)-5

Temos, assim, que a editoração, em seu sentido mais amplo, envolve trabalhos distintos, que vão desde a direção da empresa, até as atividades de distribuição e venda. De acordo com o tamanho da empresa, pode envolver dezenas, centenas de técnicos, ou pode ser realizada por uma, duas, três pessoas.

Em um sentido mais restrito, podemos usar o termo -editoração-, para significar o conjunto de técnicas (de produção, ou rigorosamente editoriais) usadas na produção do livro.

Como não existem, a rigor, duas editoras que tenham o mesmo tipo de organização, o mesmo organograma, o mesmo esquema de trabalho, vou esboçar aqui um quadro que nos sirva de referência.

Vamos pensar em uma editora média, cuja estrutura básica seja formada por 3 setores: Editorial, Comercial e Administrativo.1

As atividades, em princípio, caberá a responsabilidade de planejar, selecionar e programar as obras que a editora publicará, negociar os direitos autorais, proceder à sua editoração (no sentido restrito da palavra), orientar e acompanhar a produção. E este, sem dúvida, o setor de maior importância dentro do esquema, pois a ele caberá, em última instância, a decisão sobre o que publicar e como publicar. É a atividade editorial, como diz Décio Abreu em seu artigo para *Editoração Hoje*, que dá personalidade à empresa. Aos demais setores compete a prestação de serviços que permitam a plena realização editorial.1

Entram aqui as funções igualmente importantes do setor Comercial. Cabem a ele as atividades relativas à armazenagem, promoção e venda dos livros editados.

O setor comercial deve também participar do processo de seleção de títulos, do planejamento editorial e de sua programação, além de opinar sobre apresentação e preço das obras, uma vez que ao diretor comercial cabe -adequar o mercado que ele explora à produção e vice-versa-1

-Em outras palavras, o diretor editorial e o diretor comercial devem juntos decidir se a editora produzirá livros adequados ao mercado, dentro do qual ela opera tradicionalmente, ou buscará mercados novos para sua produção-1

As atividades de apoio cabem ao setor Administrativo e devem permitir o trabalho mais harmônico e eficiente dos outros setores: faturamento, cobrança, pagamentos, créditos, contabilidade, administração

de pessoal, controle e satisfação das exigências legais, planejamento e análise de desempenho.

Cabem a cada setor, a cada diretor de setor, atividades específicas, mas, para o bom funcionamento da editora, é necessário que haja integração entre todos eles, contatos, reuniões periódicas, e tanta harmonia quanto puder existir. Harmonia às vezes difícil, quando divergem os conceitos quanto a qualidade de um livro.

Um livro bom, para um diretor editorial pode ser aquele de inequívocas qualidades literárias, ou aquele que apresenta uma bem fundamentada e revolucionária teoria na área de Psicologia.

Um bom livro, para o diretor comercial, pode ser apenas aquele que pelo assunto, escrito com qualidades literárias ou não, pode se transformar num best-seller ou um texto tradicional de Psicologia, mas com excelentes possibilidades de ser adotado e trazer um retorno rápido do capital empatado.

Ambos terão razão, talvez. Há que se estabelecer um ponto de equilíbrio e reportar-se à própria política editorial da empresa.

A EDITORA EM FUNCIONAMENTO

Falei, há pouco, na política da editora. Estamos criando, aqui e agora, uma pequena editora. Como deveríamos começar?

Definindo, justamente, quais os nossos objetivos, porque queremos criar uma editora. Partindo daí, teremos definido a política de nossa editora e sua ou suas linhas editoriais.

Por hipótese, nós tomamos por base a realidade brasileira e a importância do livro como instrumento de desenvolvimento cultural em nosso país. Refletimos que existe uma população carente de livros e informação, mas de baixo nível de renda. Muito bem. Se esta é nossa preocupação, vamos eliminar, em princípio, os -trade books-, ou livros de literatura, muito importantes, sem a menor sombra de dúvida. Mas nós pensamos em *informação*, em primeiro lugar. Informação que pode situar-se no nível de manuais técnicos em áreas carentes, ou livros de informação sobre o Brasil, sua situação política, econômica, social, cultural etc.

Podemos realizar uma pequena pesquisa, para determinar a área em que existe maior carência, localizar e avaliar o mercado, estudar nossas próprias inclinações e tendências e decidir então qual será a nossa linha editorial, que poderá ir se diversificando no decorrer do tempo e à medida que nossa editora for se firmando.

Digamos que tenhamos chegado à conclusão de que é importante para o Brasil ter maiores informações sobre ensino universitário no País e que tipos de experiências vêm sendo feitas em outros países que poderiam ser aproveitadas no nosso; concluímos que há mercado para uma série de livros sobre o assunto, que há muita gente pesquisando aqui e lá fora, logo temos autores; e que nossa equipe se empregou com o projeto.

Tendo em vista o fator -baixo nível de renda- e clientes de que não podemos fazer tiragens elevadas para reduzir o custo unitário, porque já conhecemos também o fator -baixa escolaridade-, vamos utilizar todos os recursos a nosso alcance, visando a redução dos custos e, conseqüentemente, o barateamento do preço de capa de livro.

Temos, assim, definida a nossa linha editorial e a política de nossa empresa.

Vamos, agora, estabelecer os elementos necessários a nossa pequena empresa, em fase de implantação e suas funções.

Devemos ter o *Diretor Geral*: que será responsável pela coordenação de todos os setores, planejamento da empresa e supervisão geral.

No nosso Departamento Editorial teremos o *Diretor Editorial* ou

Editor-chefe: responsável pelo planejamento, seleção e programação das obras, pela negociação dos direitos autorais, pela orientação e acompanhamento da editoração e da produção. Está a seu cargo a procura de autores e o contato com eles.

Teremos um *Conselho Editorial*, formado por especialistas de renome na área em que vamos trabalhar e que analisarão a obra e nos fornecerão seu parecer sobre a qualidade, originalidade e oportunidade de publicação da obra.

Nosso corpo de técnicos na área editorial terá de contar pelo menos com três elementos: o *Revisor*, que deverá ser um elemento que conheça profundamente não só o português, mas também as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas, porque a ele caberá a correção da linguagem e a normalização dos originais; o *Diagramador*, a quem caberá todo o planejamento visual do livro e o *Produtor*, com profundos conhecimentos dos processos de composição, impressão etc., será ele o elemento de ligação entre o departamento editorial e as gráficas que vamos utilizar, já que teremos chegado à conclusão de ser menos oneroso trabalhar com terceiros que manter nossa própria gráfica.

Nosso *Diretor Comercial*, será uma pessoa com profundo conhecimento do mecanismo de distribuição de livros em nosso país, de relações públicas, publicidade e vendas, pois será o responsável pela divulgação do livro e pela sua venda.

Ele estabelecerá contatos com distribuidores regionais, promoverá e orientará a execução de campanhas de promoção de vendas, manterá contato com a imprensa e supervisionará todo o trabalho de divulgação das nossas obras em todo o país.

Quanto ao *Setor Administrativo*, como a nossa é uma firma pequena, as atividades de três ou quatro funcionários e do contador podem ficar sob a supervisão de um chefe de escritório, diretamente subordinado ao Diretor Geral.

Temos, pois, traçada a estrutura de nossa editora. Aproximadamente 10 elementos (o Conselho Editorial, Assessoria, ou Leitores podem variar em número e ser remunerados por tarefas).

E ainda podemos reduzir este número, de acordo com o volume da produção, ou com o nosso orçamento. O editor, por exemplo, pode acumular o cargo de diretor-geral, o diagramador pode ser também o produtor, desde que reúna os conhecimentos necessários.

Esta é a estrutura básica de uma pequena editora.

CONCLUSÕES

Muitas das soluções para os problemas com que se debate a indústria editorial dependem da atividade governamental como, por exemplo, a intensificação do combate ao analfabetismo, o aumento da escolaridade e da renda -per capita-, que irão proporcionar o crescimento do público leitor e na melhoria de seu poder aquisitivo, o que resultará no aumento das tiragens e diminuição dos preços de venda do livro.

Outras, virão de atividades conjuntas do governo e das entidades de classe como Sindicato Nacional dos Editores de Livros e a Câmara Brasileira do Livro, que já se movimentam neste sentido, como podemos ver, por alguns trechos aqui mencionados, da conferência do sr. Enio Matheus Guazzelli sobre a -Política Integrada do Livro-.

Outras, tão importantes como as primeiras, dependem de nós, editores e gráficos.

Se o editor procura a racionalização de suas funções, ele estará contribuindo para diminuir os custos e aperfeiçoar a qualidade do livro. A seu alcance -está, por exemplo, a escolha do melhor original, do processo gráfico mais conveniente, do formato e do acabamento mais econômico-1 Para isso, é

imperioso se abandone o amadorismo que caracteriza ainda a grande maioria das editoras brasileiras.

O editor bem informado tem condições de influir sobre a profissionalização e exige-lhe mesmo, de todos os setores, para a formação de -equipes técnicas para seleção, revisão e normalização, -copydesk-, quando necessário, marcação e revisão de texto, possibilitando a remessa dos originais à gráfica em sua feição definitiva; a escolha do processo de composição e impressão e do papel mais convenientes, formato e acabamento mais adequados; a elaboração de ilustrações e capas (artes-finais) com rapidez e economia; estudos técnicos e de mercado visando à melhor gráfica; fornecimento do papel ao impressor, controlando o gasto e a qualidade do produto. No seu conjunto, as medidas referidas, objeto de estudo particular, implicam a queda do custo gráfico, redução do consumo e melhor aproveitamento do papel e execução mais rápida dos serviços. Em outras palavras, menor custo industrial, queda do preço unitário e livro barato, resultarão inúteis se a eles não se seguisse intensa comercialização-1

-Não será exagerado estimar em cerca de 30% a economia de custos gráficos resultantes da montagem de um sistema editorial-1

Como disse o Ministro Ney Braga em conferência na Escola Superior de Guerra, em setembro de 1975: -um dos componentes essenciais da política de cultura deste Governo está em dinamizar o mercado de publicações, de modo a promover o financiamento e a comercialização de edições-.

Como se situa a Imprensa Universitária nos aspectos acima abordados? Pelo que tenho podido sentir, na maioria dos casos há uma preocupação da Universidade com o setor gráfico, com a modernização de seus equipamentos, com a sua produtividade. Preocupação legítima, não resta a menor dúvida. Mas cujo resultado completo só será alcançado se houver a mesma preocupação com a editoração (da seleção de originais à sua preparação para a gráfica) e com a comercialização dos livros e material de estudos ali publicados.

Grande parte da economia que se pode conseguir com um moderno equipamento gráfico pode ser perdida se o original foi mal preparado, ou se nem foi preparado. E de nada adianta produzir livros, revistas, cadernos de estudos para ficarem estocados às vezes por cinco anos, como tenho presenciado, porque a tiragem foi estabelecida aleatoriamente, ou porque nunca se pensou na comercialização de uma determinada obra impressa na Universidade.

Bastante considerável poderá ser o papel da Imprensa Universitária na editoração no Brasil hoje, se esta visão global do complexo editorial-gráfico que tentamos transmitir estiver sendo ou vier a ser adotada. Se ela estiver imbuída do espírito que deve nortear a Universidade Brasileira: incentivo à criação, à busca, à pesquisa. Incentivo que deve começar com o professor que se propõe a escrever um texto próprio e se estender a todos os elementos que compõem o complexo e que desejam progredir, aperfeiçoar-se.

Vejo a Imprensa Universitária, a gráfica na Universidade, não apenas como simples produtora de folhetos, catálogos, ou apostilas (na maioria das vezes simples reproduções de capítulos de livros existentes no mercado, ferindo assim a legislação vigente sobre direitos autorais). Vejo-a como um dos elementos de divulgação de cultura. Vejo-a como o complexo editorial-gráfico de que falei no princípio. Vejo-a não apenas como a *Imprensa Universitária*, mas como a *Editoria Universitária*: formando e incentivando profissionais, editores e autores, alimentando toda a indústria editorial do país. Ajudando a traçar os caminhos de uma cultura nossa - brasileira.

A EMAF diplomou mais 84 técnicos agropecuários



A solenidade de entrega dos diplomas.



A sessão solene foi prestigiada por grande número de pessoas.

Missa em Ação de Graças, Sessão Solene, Plantio da Arvore da Turma e Baile, em Pará de Minas, marcaram as solenidades de formatura da Escola Média de Agricultura de Florestal (EMAF), que entregou ao País mais de 84 novos Técnicos Agropecuários.

O paraninfo e o orador da turma foram, respectivamente, o professor Luiz Maria de Moura, ex-diretor da Escola, e o formador Francisco Lúcio Marinho.

Presentes, dentre outras autoridades, o diretor da EMAF, professor Juarez Ferreira dos Santos; o sr. Luiz Carlos da Costa Passos, prefeito de Florestal; e o deputado Fábio Vasconcelos, que recebeu a homenagem especial dos formandos.

Em sua saudação aos novos Técnicos Agropecuários, o reitor Antônio Fagundes de Sousa enfatizou a importância da univer-



Após as solenidades, o reitor Antônio Fagundes de Sousa anunciou a abertura salarial para os professores da EMAF.

sidade brasileira a favor do desenvolvimento global do País, afirmando, em seguida, que «a universidade deve ser conduzida, não só para a formação profissional de nível superior, mas, também, para a prestação de serviços em benefício do bem-estar de toda a comunidade nacional».

Após as solenidades, aproveitando as festividades do dia, o reitor Antônio Fagundes de Sousa reuniu-se, na Escola, com os professores para anunciar a abertura salarial para todo o quadro docente da EMAF, cujos níveis salariais — em escolas de formação de nível técnico — serão os melhores do País.

«Essa valorização do quadro docente da Escola Média de Agricultura de Florestal — disse o reitor — proporecionará a todos os professores a tranqüilidade necessária ao seu mais amplo desempenho no magistério».

Departamento de Química promove curso na UFV

Falecimento



Uma das aulas do curso.

O Departamento de Química está oferecendo um curso para aperfeiçoamento de auxiliares e técnicos de laboratório, em regime intensivo, cujo término está previsto para o próximo dia 23.

Segundo o professor

Hilbert Pires Henriques, coordenador do curso, graças ao total apoio do Departamento de Química, chefiado pelo professor Cid Martins Batista, pode-se, desde já, garantir o sucesso da sua realização, pois seus resultados

irão refletir, sem dúvida alguma, na qualidade da preparação de aulas práticas e no melhor desempenho, por parte dos auxiliares e técnicos de laboratórios, nos trabalhos de pesquisas de todos os setores da Universidade.



Faleceu, dia 15 de novembro último, nesta cidade, onde residia, o sr. Rubens Raposo (foto), que trabalhou nesta Universidade desde o início de sua constituição, em 1922. Irmão do dr. João Carlos Belo Lisboa, o extinto deixa três filhos: sr. José Bernardes Raposo, chefe do Serviço de Comunicação da UFV; sr.^a Ana Maria Raposo Rocha Gomes, casada com o sr. Mário Rocha Gomes, estudante de Engenharia Florestal e, também, servidor da Universidade; sr.^a Maria Ignez Raposo Guadagnin, casada com o dr. Hilton Del Guadagnin, professor da Escola de Engenharia da UFES e diretor presidente da TENCO — Técnica de Engenharia e Construções S.A., em Vitória, ES. Deixa o extinto 12 netos.